



AS TEORIAS LINGUÍSTICAS EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XIX

Diana Rodrigues Carvalho¹; José Edicarlos de Aquino²;

¹ Aluno do Curso de Letras; Campus de Porto Nacional; e-mail: dianarodriguescarvalho321@gmail.com
“PIVIC/UFT”

² Orientador do Curso de Letras; Campus de Porto Nacional; e-mail: edicarlos@mail.uft.edu.br

RESUMO

Na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), este projeto tem como tema as Teorias Linguísticas em circulação no Brasil no século XIX, buscando entender como os gramáticos brasileiros do século XIX se posicionam em relação à produção linguística internacional e também como se arquitetaram as disputas/hierarquias entre os saberes que se ocupam sobre a linguagem, bem como modelos de cientificidade em voga no nosso país nessa época. O *corpus* é constituído pelas gramáticas de Júlio Ribeiro (1881) e de João Ribeiro (1889). Nessas obras, procuramos levantar quais autores e teorias linguísticas eram mobilizados pelos gramáticos brasileiros do século XIX, verificando também a época, o país de origem e a escola das referências teóricas dos nossos gramáticos. Nas análises, pudemos notar a referência recorrente dos gramáticos brasileiros a autores da perspectiva da gramática histórica e comparada, referências essas que não se reduzem, contudo, a uma simples cópia ou reprodução das teorias estrangeiras.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Teorias Linguísticas; Gramática; Século XIX; Júlio Ribeiro; João Ribeiro.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa teve como tema as Teorias Linguísticas em circulação no Brasil no século XIX, buscando entender, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), como os gramáticos brasileiros do século XIX se posicionam em relação à produção linguística internacional e também como se arquitetaram as disputas/hierarquias entre os saberes que se ocupam sobre a linguagem, bem como modelos de cientificidade em voga no nosso país nessa época. Assim, colocando em primeiro plano a construção da língua e das teorias linguísticas a partir dos instrumentos tecnológicos que são a gramática, seguindo os procedimentos metodológicos da HIL produzidos conjuntamente por pesquisadores europeus e brasileiros desde 1980, procuramos analisar, a partir das gramáticas de Júlio Ribeiro (1881) e de João Ribeiro (1889), quais autores e teorias linguísticas (gramática histórica, gramática geral, gramática filosófica, gramática comparativa, etc.) eram mobilizados pelos gramáticos brasileiros do século XIX, verificando também a época, o país de origem e a escola das referências teóricas

dos nossos gramáticos. Para tanto, consideramos essas gramáticas de Júlio Ribeiro e de João Ribeiro dentro do processo de gramatização brasileira do século XIX, com todas as suas questões técnicas e político-históricas, uma vez que, sempre na perspectiva da HIL, consideramos a relação constitutiva entre gramática e sociedade. Uma das motivações de nossa pesquisa foi finalmente de mostrar a forma bastante crítica como os autores brasileiros do século XIX se relacionam com a produção estrangeira, ou seja, que as citações feitas pelos gramáticos brasileiros do século XIX não se tratavam de meras repetições de teorias linguísticas estrangeiras, havendo, na verdade, ressignificação das ideias e posições autorais muito fortes, como afirmam Orlandi (2009) e Aquino (2012, 2016). Ao final, pudemos notar a referência recorrente dos gramáticos brasileiros a autores da perspectiva da gramática histórica e comparada, referências essas que não se reduzem, contudo, a uma simples cópia ou reprodução das teorias estrangeiras.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa assume a perspectiva teórica da História das Ideias Linguísticas, que, em resumo, procura compreender as relações entre língua e história, investigando, com destaque, a construção dos instrumentos linguísticos, como gramáticas e dicionários. A importância do trabalho com a HIL deve-se também ao fato de que, como explica Aurox (1992), ela faz uma forte crítica ao mito da cientificidade expandido pela historiografia das ciências da linguagem no século XIX, de acordo com o qual, os estudos sobre a linguagem só seriam verdadeiramente científicos a partir do comparatismo. Dessa forma, na perspectiva da HIL, é possível considerar e analisar a complexidade das teorias em circulação no Brasil no século XIX, mesmo antes da instalação da linguística tal como a conhecemos hoje. Para tanto, selecionamos especificamente as gramáticas de Júlio Ribeiro (1881) e de João Ribeiro (1887), dois dos grandes representantes da produção gramatical brasileira oitocentista.

Procuramos, com as leituras sobre a HIL, estudar a produção linguística brasileira do século XIX, de forma a compreender o processo de gramatização no Brasil, isto é, como nossos autores construíram instrumentos linguísticos, com destaque para as gramáticas. Tomamos de Aurox (1992, p. 65) a definição de gramatização como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que ainda hoje são os pilares de nosso saber linguístico: a gramática e o

dicionário”. Como diz Aquino (2012), a chamada gramatização brasileira se instala definitivamente na segunda parte do século XIX, quando a produção de instrumentos linguísticos começa a ser feita por autores brasileiros e para leitores brasileiros, processo que, como expõem Guimarães (2004) e Orlandi (2009), toma corpo no processo de constituição do Estado e da nação brasileira, que leva à aproximação de ideias científicas e filosóficas vindas de outros países que não Portugal e ao trabalho de demonstrar que o português falado e escrito no Brasil era diferente do português de Portugal. Dessa forma, as obras são analisadas dentro das próprias condições da gramatização brasileira, o que significa levar em conta a história do nosso país. Sendo assim, observar a constituição de instrumentos tecnológicos brasileiros é uma maneira de perceber como é construída uma identidade nacional brasileira e, no nosso caso, visualizar e compreender as teorias linguísticas que são postas em circulação no momento de produção desses instrumentos linguísticos, notando, por exemplo, que, no mesmo território, no mesmo tempo, estavam em disputa, correntes como a gramática histórica, a gramática geral, a linguística, entre outros, todos reivindicando, conforme Aquino (2012, 2016), a posição de saber científico sobre a linguagem e as línguas.

Na análises do *corpus*, identificamos nas gramáticas de Júlio Ribeiro e de João Ribeiro todas as passagens em que aparecem as referências a obras, autores e teorias linguísticas, observando qual lição gramatical está sendo tratada com essas referências, além de verificar os posicionamentos dos gramáticos brasileiros a respeito dos autores, isto é, se ele discorda ou concorda com as obras referidas. Com isso, podemos mostrar que os autores brasileiros do século XIX se relacionam de uma forma bastante crítica com a produção estrangeira, não se reduzindo a meros repetidores de teorias linguísticas estrangeiras, havendo, na verdade, ressignificação das ideias e posições autorais muito fortes. Aquino (2012), por exemplo, mostra um complexo jogo de filiações teóricas na produção gramatical brasileira no século XIX, por meio do qual os gramáticos brasileiros encontram-se afetados às vezes pelas mesmas tradições que ele procuram negar, a da gramática filosófica, e ao mesmo tempo, ressignificam a tradição que eles reivindicam, a da gramática histórico-comparativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso trabalho inicial foi o de procurar entender o que é e como fazer um estudo na área de História das Ideias Linguísticas. Procuramos também entender o que é, nessa perspectiva, uma gramática e qual a relação entre Estado, gramática e sociedade.

Os estudos sobre a linguagem e as línguas começam bem antes de Ferdinand de Saussure, sendo, portanto, um mito achar que a linguística começa apenas no século XX. Assim, as pesquisas com a HIL no Brasil se interessam bastante pelo século XIX, pois é um período determinante para a história da reflexão sobre a linguagem no país, época em que ocorre a gramatização brasileira, quando a produção de instrumentos tecnológicos passa a ser destinada especificamente para os brasileiros, como expõem Guimarães e Orlandi (1996). Nessa perspectiva, como afirma Auroux (1992, p. 13), o trabalho com a história das ideias linguísticas busca responder “sob que formas se constitui, no tempo, o saber linguístico” e “como essas formas se criam, evoluem, se transformam ou desaparecem”. Como definem Colombat, Fournier e Puech (2017), trabalhar com a HIL é basicamente estudar os textos muitas vezes esquecidos, o desenvolvimento das teorias e conceitos, buscando as circunstâncias e os problemas que foram expostos, bem como a maneira como surgiram e foram organizados os conhecimentos linguísticos. Ademais, a HIL procura uma articulação entre história da língua e história do conhecimento linguístico, como pontuam Guimarães e Orlandi (1996), isto é, o trabalho com a HIL envolve a constituição da língua, do povo que a fala e dos instrumentos tecnológicos que são a gramática e o dicionário, visto que a produção de um saber metalinguístico é constituído materialmente nas condições próprias da sua realidade, contribuindo para a formação da identidade de um povo.

Aprendemos com Auroux (1992) que gramáticas e dicionários são instrumentos linguísticos, isto é, ferramentas da linguagem que ampliam a capacidade linguística dos falantes e alteram os espaços de comunicação em que são inseridas. Assim, Orlandi (2009) argumenta que gramática e dicionário não servem somente para ditar regras, mas são antes lugar de produzir e obter conhecimento, pois tratam de organizar a ligação entre língua e sociedade para construção da história. Esses instrumentos são sempre feitos segundo as condições históricas de uma sociedade.

De acordo Colombat, Fournier e Puech as gramáticas são (2017, p. 115), “objetos culturais singulares”, com “uma dimensão técnica e uma dimensão político-

histórica.” Além de técnicas, as gramáticas, como instrumentos históricos, são também ferramentas ideológicas, que constroem uma imagem de língua (“falar corretamente”, “falar errado”, “a língua portuguesa”) e de sujeitos falantes. Produzir gramáticas brasileiras no século XIX era uma forma de legitimação do português brasileiro diferenciando do português de Portugal, daí a possibilidade de apontar, a partir da HIL, uma relação entre gramática e Estado, entre gramática e sociedade. Orlandi (2000) nota, assim, com a Independência e Proclamação da República, a importância da língua para o Estado como ato político e social, com a promoção de produção de instrumentos linguísticos e a criação de instituições de ensino no século XIX. Nesse processo de construção de nacionalidade, existe o movimento dos gramáticos brasileiros do período de se distanciar dos gramáticos portugueses, procurando outras filiações teóricas, como explica Guimarães (2004).

Todas essas considerações foram fundamentais para a análise das gramáticas de Júlio Ribeiro e de João Ribeiro. Assim, no trato dessas obras, procuramos registrar quais as filiações teóricas do autor. Para tanto, buscamos identificar e copiar todas as passagens em que aparecem referências a obras, autores e teorias e a página e a parte da gramática em que a passagem com essas referências aparecem. Buscamos também identificar se o autor se coloca a favor ou contra as obras, autores e teorias que são citados.

Contamos que, na gramática de Júlio Ribeiro, aparecem mais vezes como referências Diez, Fernão Lopes, Grivet, Garret, sendo citados pelo menos três vezes. Já Adolpho Coelho foi mencionado, quatro vezes; Burgraff, cinco vezes; Dom Diniz e Guardia Et Wierzeyski, seis vezes; Gil Vicente, oito vezes. E apareceram menos vezes referências a Émile Ferriere e Whitney, Holmes, Schmid, Roquette, João de Barros, Soares Barbosa, Max Müller, Hovelacque, Cortês de D. Fernando, Guilherme Braga, Theophilo Braga, Constancio, Vergueiro E Pertence, Thomaz Ribeiro, Emanuel Alvarus, Nordheimer, A. J. R. Lorato, aparecendo apenas uma vez, Brachet, Sotero dos Reis, Moraes, Bastin, Bergman, J. A. Passos, Girault Duvivier, Frei João Claro, duas vezes nas referências. Júlio Ribeiro discute com maior veemência as observações de Whitney, Brachet, Garret, Theophilo Braga, Emile Ferriere, Gil Vicente. E discorda fortemente das argumentações de Sotero do Reis, Moraes, Grivet, Soares Barbosa, Girault Duvivier e Constancio.

Realizamos o mesmo estudo com a gramática de João Ribeiro. Nessa obra, são mencionados Max Muller, Diez, Reinhardtstøttner, Brachet, Moraes, Sr. Dr. Macedo Soares, Adolpho Coelho, Gil Vicente, João de Barros, S. Bento, Dom Diniz, Fernão Lopes e Garret.

Fazendo um comparativo entre as gramáticas de Júlio e de João Ribeiro, pudemos constatar que ambos se colocam a favor de Max Muller, linguista e filólogo alemão que seguia a ordem da gramática comparada. Os brasileiros seguem a lição gramatical do alemão sobre o exame e classificação dos sons.

O filólogo alemão Diez, outro estudioso da gramática comparada, também é uma referência compartilhada pelos dois gramáticos brasileiros. Na obra de Júlio Ribeiro, ele faz menção a Diez quando disserta sobre prosódia, referindo-se aos ditongos românicos que não existem no português, sobre a origem do artigo e sobre as formas contraídas de certas palavras. Outra lição com referência a Diez diz respeito ao sujeito que são determinados em quatro modos verbais (indicativo, imperativo, condicional e subjuntivo). A citação a Diez ocorre igualmente na lição gramatical sobre a construção das frases na forma negativa.

Na gramática de João Ribeiro, Diez é mencionado na seção sobre acentuação e quantidade. Diez também é citado na gramática de João Ribeiro nas lições sobre consoantes, constituição das letras latinas e das letras portuguesas, bem como no estudo da etimologia de algumas palavras. Diez é ainda referido no estudo sobre a origem dos pronomes demonstrativos no português a partir do latim. Júlio Ribeiro e João Ribeiro concordam com os estudos de Diez.

Outra referência cruzada por Júlio Ribeiro e João Ribeiro é o francês Brachet, autor da *Grammaire historique de la langue française*, uma obra assentada no paradigma da gramática histórica e comparada. As teorias de Brachet são descritas na gramática de Júlio Ribeiro quando o brasileiro busca demonstrar que ainda persiste alguns arcaísmos no português, a exemplo do *dje* e do *tche*. A referência a Brachet aparece também na lição gramatical sobre o estudo do verbo Ser. Outra lição gramatical na qual Júlio Ribeiro menciona Brachet se refere aos tempos compostos, nos quais a conjugação dos verbos na língua portuguesa se faz no tempo diferente da língua latina.

Em João Ribeiro, é na lição que trata da “Etymologia portugueza: principios em que se basea a etymologia.—Leis que presidiram á formação do lexico portuguez” que vemos citado o nome de Brachet, com a exemplificação na comparação de algumas palavras de origem etimológica germânica ou latina.

Moraes também é citado ao mesmo tempo por Júlio Ribeiro e João Ribeiro. Na gramática de Júlio Ribeiro, Moraes comparece na lição sobre a função da preposição *de*. Em outra ocasião, Júlio Ribeiro chama de falsa a doutrina de Moraes exposta pelo Dr. Freire da Silva sobre o verbo haver empregado como unipessoal em frases do tipo “Ha homens extraordinaios—Havia iguarias—Si houver tempo, « irei visita-lo »” (p. 1881, p. 256). Em outro momento, Moraes é citado juntamente com Diez na lição gramatical acerca da construção das frases na forma negativa.

João Ribeiro, ao tratar das conjunções na lição “Etymologia das palavras invariáveis”, cita Moraes para explicar a antiga forma de *et*, que aparece em “dezaseis, dezasete (dez e seis, dez e sete)” (1889, p. 207). Na lição “Regras da syntaxe relativas ao pronome e ao artigo”, quando trabalha a comparação dos pronomes, também faz menção ao nome de Moraes.

Nota-se que Júlio Ribeiro e João Ribeiro são a favor das posições de Moraes, já que utilizam de suas explicações para explicar suas análises gramaticais.

O filólogo e linguista português Adolpho Coelho é mais uma referencia partilhada por Júlio Ribeiro e João Ribeiro. Júlio Ribeiro se porta a favor das argumentações de Adolpho Coelho, citado para explicar o uso do particípio e o infinito nas formas nominais. Também o menciona na lição gramatical do verbo ativo em latim, para justificar algumas formas passivas nas traduções para português. Há ainda uma referencia a Coelho na lição gramatical sobre adverbio, quando se marca diferenças entre conjugações e advérbios, e também para explicar a possibilidade de adverbiação do adjetivo.

João Ribeiro se coloca também a favor do Adolpho Coelho, tomando-o como um exemplar filólogo e citando-o nas seguintes partes de sua gramática:—Analyse das proposições—baseado nos trabalhos de Latham e Mason ; — Concordancia — complexo de regras extrahidas integralmente, com alguns retoques, do vigoroso compendio castelhano de Andres Bello ;— Verbos irregulares; Theoria da phonetica.

O historiador português Fernão Lopes, na gramática de Júlio Ribeiro, é mencionado na lição gramatical sobre formas puras (em que não há troca de som: “tive, tiveste, teve etc”). Júlio Ribeiro concorda com as posições do autor. Por sua vez, na lição “syntaxe relativas ás fórmãs nominaes do verbo”, João Ribeiro traz Fernão Lopes na questão do particípio presente. Na lição “Regras de syntaxe relativas ás palavras invariáveis” Lopes é também citado. Ele é igualmente uma fonte para exemplificar algumas formas em outras línguas. Fernão Lopes também é mencionado para demonstrar a língua antiga em seus escritos sobre a questão da negação. João Ribeiro reconhece as explicações de Fernão Lopes.

Em contraposição, João Ribeiro se coloca contra as ideias João de Barros enquanto Júlio Ribeiro se coloca a favor.

João Ribeiro cita João de Barros, historiador e gramático português, ao abordar a filologia histórica. Também na lição “Regras de syntaxe relativas a cada um dos termos da proposição”, João de Barros aparece para explicar o complemento apositivo. Já na lição “Regras de syntaxe relativas ás palavras invariáveis” João Ribeiro faz menção a João de Barros na análise da construção adverbial e da preposição. O português também é citado na lição sobre vícios de linguagem, mais especificamente no estudo dos latinismos na sintaxe. João Ribeiro é contra o emprego de algumas construções, como forma exagerada a ordem inversa. João Ribeiro não demonstra ser a favor de João de Barros. Parece indicar que as suas formas de enunciações, ao usar a língua, são ultrapassadas, pois não são mais utilizadas, trocadas por outros termos.

CONCLUSÃO

Na lida com a História das Ideias Linguísticas (HIL), pudemos desenvolver um método de trabalho que considera a articulação entre história da língua e do conhecimento linguístico, tomando a historicidade de teorias e os processos de produção de instrumentos linguísticos como gramáticas e dicionários. A HIL chama a atenção para as condições próprias da história brasileira de reflexão sobre a linguagem, isto é, o processo de gramatização brasileira do século XIX, realizado na esteira de acontecimentos como a Independência e a Proclamação da República.

Nesse percurso, com a HIL, pudemos compreender como a língua e história se integram para formação da identidade linguística no Brasil, especialmente para a

circulação de teorias linguísticas no país, com autores que buscavam outras referências teóricas que não aquelas vindas de Portugal. É nessas tensões históricas que funciona a produção de gramáticas brasileiras no século XIX, bem como o procedimento de citações de Júlio Ribeiro e de João Ribeiro a obras, autores e teorias linguísticas.

Em suma, os instrumentos tecnológicos que são os dicionários e as gramáticas apresentam uma dimensão técnica, mas também um funcionamento histórico, sendo possível, portanto, perceber nas próprias gramáticas as questões políticas e sociais do Brasil. A constituição da língua portuguesa no Brasil a partir da produção das gramáticas, como as de Júlio Ribeiro e de João Ribeiro, decorre dos acontecimentos socio-histórico-culturais da própria sociedade brasileira, no que se destaca uma política nacionalista de construir a relação Estado/Língua/ Nação no Brasil do século XIX. Com a Independência e a Proclamação da República, o Brasil procura se tornar uma nação autônoma, com outras organizações e instituições diferentes das de Portugal e, no plano linguístico, com teorias diferentes daquelas empregadas pelos autores portugueses. E não só isso. Também uma língua diferente da de Portugal, daí todo o trabalho dos gramáticos brasileiros do século XIX de comprovar as diferenças entre o português do Brasil e português de Portugal.

Analisando as teorias linguísticas nas gramáticas de Júlio Ribeiro e de João Ribeiro, observando a época, o país de origem e escola ou instituição dos autores que são citados, é possível notar a grande quantidade de referências a autores europeus, sobretudo alemães, franceses, ingleses e norte-americanos, e muitos acenos à teoria da gramática histórica-comparativa, ao mesmo tempo em que são poucos os autores portugueses elogiados, sendo frequente a crítica à gramática geral. Pelo visto, existe então uma adesão à gramática histórica-comparativa e uma refutação da gramática geral. Quando autores portugueses são referenciados pelos brasileiros, eles geralmente estão associados à gramática histórico e comparada.

Entre as principais referências compartilhadas por Júlio Ribeiro e João Ribeiro, estão Max Muller, Diez, Brachet, Moraes, Adolpho Coelho e Fernão Lopes. Embora se coloquem muitas vezes a favor desses autores, os brasileiros não deixam de marcar críticas ou levantar pontos de divergência, o que confirma a afirmação de Eni Orlandi (2009, p. 122) de que “as referências a autores estrangeiros feitos por nossos autores, são uma maneira de argumentar em relação a uma história própria”, de modo a não

serem “nem simples influências nem mera recepção”, mas antes “formas de argumentar em função de ideias que dão a especificidade de uma filiação de memória intelectual linguística brasileira na relação com a ciência em geral”.

AGRADECIMENTOS

A todos que me prestaram apoio nesta jornada.

LITERATURA CITADA

AQUINO, José Edicarlos de. **O que há de materno na língua?:** Considerações sobre os sentidos de língua materna no processo de gramatização brasileira nos séculos XIX e XX. 2012. 204 p. Dissertação – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

_____. **Júlio Ribeiro na história das ideias linguísticas no Brasil.** 2016. 354 p. Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: UNICAMP, 1992.

CASTELLANOS PFEIFFER, C.R. Sentidos para sujeito e língua nacionais. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 7, p. 71-93, 2002.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas.** São Paulo : Contexto, 2018.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **Uma história da linguística.** Campinas: RG, 2013.

_____. FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A análise de discurso e a constituição de uma história das ideias linguísticas do Brasil. **Fragmentum.** Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM. Jul./Dez. 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. **História da semântica.** São Paulo: Pontes, 2004.

_____. A língua portuguesa no Brasil. **Línguas do Brasil**, São Paulo, vol 57, n. 2, p. 24 - 28, abr/jun 2005.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. Apresentação: identidade linguística. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, Eni (Org.). **Língua e cidadania.** Campinas: Pontes, 1996. p. 9-15.

ORLANDI, Eni P. O Estado, a Gramática, a Autoria: Língua e Conhecimento Lingüístico. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos** (4/5): 19-34. Campinas, SP: Pontes, 2000.

_____. **Língua e conhecimento linguístico.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Apresentação. In: ORLANDI, P. Eni (Org.). **História das ideias linguísticas.** Mato Grosso: Pontes, 2001. p. 7-19.

_____. A língua brasileira. **Línguas do Brasil**, São Paulo, vol 57, n. 2, p. 29 - 30, abr/jun 2005.

SANTOS, Jorge Viana. Língua nacional, Estado, gramática, linguística e suas relações: um novo problema antigo, formulado no projeto de lei 1676/99. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, n. 17, p. 69 – 93, UNICAMP.

RIBEIRO, João. **Grammatica Portugueza.** 3. ed. Rio de Janeiro: Alves & C., 1889.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica Portugueza.** São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1881.